

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA
MESTRADO EM PSICANÁLISE

**(CON)FUSÃO DE LÍNGUAS: IMPASSES ENTRE HOSPITALIDADE E
HOSTILIDADE FRENTE A MIGRAÇÃO HAITIANA**

WEIDILA NINK DIAS

ORIENTADORA: PROFA. DRA. MÔNICA MEDEIROS KOTHER MACEDO

Porto Alegre, fevereiro de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA
MESTRADO EM PSICANÁLISE

**(CON)FUSÃO DE LÍNGUAS: IMPASSES ENTRE HOSPITALIDADE E
HOSTILIDADE FRENTE A MIGRAÇÃO HAITIANA**

WEIDILA NINK DIAS

ORIENTADORA: PROFA. DRA. MÔNICA MEDEIROS KOTHER MACEDO

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Psicanálise do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do grau de Mestra em Psicanálise.

Porto Alegre, fevereiro de 2023.

**(CON)FUSÃO DE LÍNGUAS: IMPASSES ENTRE HOSPITALIDADE E
HOSTILIDADE FRENTE A MIGRAÇÃO HAITIANA**

Weidila Nink Dias

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito final para a obtenção do grau de Mestra em Psicanálise.

BANCA EXAMINADORA:

Dra. Fernanda Canavêz de Magalhães - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Dra. Sandra Djambolakdjian Torossian - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Dr. Cristiano Dal Forno - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

AGRADECIMENTOS

À professora doutora Mônica Macedo pelo apoio acadêmico e pela hospitalidade a mim ofertada nesse percurso de mestrado, realizado sob uma distância geográfica marcante, mas menos impactante pela sua acolhida atenciosa e afetuosa.

Às professoras doutoras Fernanda Canavêz e Sandra Torossian pelos preciosos comentários e contribuições com esta pesquisa.

Às colegas do Grupo de Pesquisa *Psicanálise: psiquismo, subjetividade e pesquisa*, que compartilhando temas e interrogações possibilitaram ampliar as leituras tão caras à essa dissertação.

À Julia Heine, que em momentos de angústias compartilhadas nas nossas trajetórias abriu espaço para encontros tão ricos e amistosos.

À professora Patrícia Honorato, companhia nas vivências transculturais em sala de aula no curso de português como língua de acolhimento e nas andanças pela psicanálise, por me apresentar a possibilidade de cursar o mestrado nesse PPG e por me partilhar suas reflexões tão sensíveis a respeito das confusões de línguas nas migrações.

Aos professores Marília e Geraldo Cotinguiba, amigos pessoais e grandes inspirações, pelo convite para conhecer e participar do valoroso trabalho que têm desenvolvido com a comunidade haitiana no Brasil.

À minha avó, Argentina Dias, mulher forte e destemida que me ensina que a luta é diária e que devemos estar atentos e fortes contra a violência do laço social. Sua força grita em mim toda vez que vejo uma injustiça, toda vez que somos alvos da injustiça. Lutar é verbo, encarnado em ti e que se transmite a mim.

À minha avó Adelina Nink, que me lembra que a saudade também é diária e que é a dor que nos faz lutar. Todos os dias antes de dormir lembro da sua voz entoando um canto novo, seus dedos fazendo um sinal da cruz e deitando na cama, como quem pede uma bênção divina não para si, mas para seus filhos e netos. Saudades!

Aos meus pais Ivonete Nink e Edmilson Dias, os maiores incentivadores do meu desejo de estudar, grandes parceiros na vida e colo nos momentos difíceis. Obrigada por apoiarem com tanto carinho as minhas iniciativas e por destinarem tantos esforços para me dar o mundo. Minha língua materna, meus jovens pais, amo vocês!

Ao meu companheiro de mestrado e agora de apartamento, Diego Aram. Obrigada pela companhia, compreensão e escuta atenta aos ensaios teóricos que partilho com você. Nossa ponte Porto-a-Porto está feita!

Finalmente, aos haitianos que compartilharam suas histórias comigo. Agradeço pela confiança e pela generosidade que me possibilitaram trilhar o caminho até aqui.

Contra o racismo de todas as cores, de todos os sexos, de todas as crenças, de todas as línguas, de todas as culturas, de todos os países, contra esse horror, que nos valha o estrangeiro – o estrangeiro em toda parte, o estrangeiro do exterior e do interior de nós mesmos (Souza, 1998, p. 163).

RESUMO

Este estudo dedicou-se a abordar as confusões de línguas relativas aos impasses entre hospitalidade e hostilidade que incidem na experiência migratória de haitianos, aproximando os conceitos de Sándor Ferenczi de confusão de línguas e de desmentido à noção de hospitalidade conforme proposto por Jacques Derrida. Para tanto, buscou-se acessar a narrativa de sujeitos de origem haitiana que fizeram movimentos migratórios em direção ao Brasil. Suas narrativas permitiram testemunhar acerca de vivências singulares e coletivas atreladas ao processo migratório que permeou a experiência desses participantes. O reconhecimento das confusões no campo das migrações decorrentes das exigências impostas pelas configurações da “acolhida” operou como um interrogante fundamental que possibilitou problematizar a complexidade da experiência migratória no que concerne à qualidade da acolhida oferecida àquele que chega. As aproximações com o campo de pesquisa e com as narrativas dos participantes permitiram constatar como os impasses no laço social, entre migrantes e autóctones, são revestidos de hostilidade quando não há reconhecimento das diferenças, dos aspectos singulares que compõem a historicidade individual daquele que chega e, além disso, quando é exigido que este renuncie à sua cultura e à sua língua para ser “aceito” no país de destino. Além disso, constatou-se que experiências de violências, roubos e estupros, constituíram-se como impactantes testemunhos a respeito do incremento e do não reconhecimento das condições de vulnerabilidade dos migrantes, permitindo argumentar sobre como a hostilidade interfere, de modo devastador, na experiência de deslocamento, dificultando ainda mais a adaptação ao novo país. Evidenciou-se, também, a imprescindibilidade de reflexões acerca da postura ética do pesquisador, a qual pode constituir-se como mais um fator traumatizante se for guiada pelo desmentido que inviabiliza o reconhecimento e a genuína consideração aos aspectos singulares que concernem ao sujeito a quem se convida a testemunhar na experiência da pesquisa.

Palavras-chave: Confusão de línguas; Hospitalidade; Hostilidade; Migração; Haiti.

ABSTRACT

This study was dedicated to addressing the confusion of languages related to the impasses between hospitality and hostility that affect the migratory experience of Haitians, approaching Sándor Ferenczi's concepts of language confusion and denial of the notion as proposed by Jacques Derrida. Therefore, we sought to access the narrative of subjects of Haitian origin who made migratory movements towards Brazil. Their narratives allowed testifying about singular and collective experiences linked to the migratory process that permeated the experience of these participants. The recognition of the confusions in the field of migration arising from the requirements imposed by the configurations of “welcoming” operated as a fundamental question that made it possible to problematize the complexity of the migratory experience with regard to the quality of the welcome offered to the arrival. The approximations with the research field and with the narratives of the participants made it possible to verify how the impasses in the social bond, between migrants and natives, are coated with hostility when there is no recognition of the differences, of the singular aspects that make up the individual historicity of the one who arrives and , moreover, when they are required to renounce their culture and language in order to be “accepted” in the country of destination. In addition, it was found that experiences of violence, robberies and rape constituted impactful testimonies regarding the increase and non-recognition of the conditions of vulnerability of migrants, allowing us to argue about how hostility interferes in a devastating way in the experience of displacement. , making it even more difficult to adapt to the new country. The indispensability of reflections on the ethical posture of the researcher was also evidenced, which can constitute another traumatizing factor if it is guided by the denial that prevents the recognition and genuine consideration of the singular aspects that concern the subject to whom it is addressed. invites you to testify in the research experience.

Keywords: Confusion of tongues; Hospitality; Hostility; Migration; Haiti.

Sumário

1. Introdução	10
7. Considerar sem deixar-se siderar: acerca do percurso da pesquisa	25
REFERÊNCIAS	28
ANEXOS	37
ANEXO A – Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos	37
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	39
ANEXO C – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa	41

Introdução

Essa dissertação foi realizada a partir da inserção no Grupo de Pesquisa *Psicanálise: psiquismo, subjetividade e pesquisa*, coordenado pela professora Mônica Medeiros Kother Macedo, pertencente à Linha de Pesquisa *Psicanálise e Cultura* do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura (PPGCLIC), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Vinculou-se, além disso, ao Projeto Maior, coordenado pela professora Mônica Macedo, intitulado *Movimentos Migratórios: complexidades e demandas à investigação em Psicanálise*.

O interesse por realizar essa pesquisa surgiu a partir da inserção, desde a Amazônia brasileira, em projetos de diversas iniciativas – programas e projetos de extensão universitária, trabalhos comunitários de organizações da sociedade civil e associações de haitianos no Brasil – que se voltaram ao propósito de atender às demandas emergentes de um novo movimento migratório que chegava ao Brasil: a migração haitiana. Em 2010, muitas pessoas vindas da República do Haiti chegavam às fronteiras brasileiras, atravessando outros países da América Latina como Equador, Peru ou Venezuela, e, com motivações e percursos singulares, aportavam no Brasil. Essas migrações intensificaram-se desde janeiro do mesmo ano, quando um terremoto de magnitude 7.3 na escala *Richter* atingiu o território haitiano, deixando o terrível rastro de 300 mil vidas perdidas e tantas outras pessoas feridas, além das mais de 1,5 milhão de pessoas desabrigadas e outras 600 mil pessoas que deixaram as áreas do desastre para buscar refúgio em outras partes do país, como informa o *Plan d'action pour le relèvement et le développement d'Haïti* (2010).

Segundo Jhon-Kelly Monacé (2021), os dados oficiais sobre as migrações apontam que entre os anos 2000 e 2008 chegaram ao Brasil 150 pessoas haitianas. No período subsequente ao terremoto, entre 2010 e 2011, cerca de 2.956 haitianos chegaram e conseguiram o *status* de migrantes no território brasileiro. Pode-se dizer, portanto, que o abalo sísmico foi um dos fatores que desencadearam o aumento no movimento de entrada de pessoas haitianas no Brasil. Todavia, a relação do Haiti com a migração é mais complexa e tem origem anterior ao deslocamento com destino ao Brasil. Como permite compreender a escrita de Michaelle Ascencio (2005), são diversos os conflitos sociais e políticos que se traduziram, na história do Haiti, no início da diáspora.

Analisando a experiência religiosa do voduísmo do Haiti, herança africana que desempenhou importante papel na resistência à escravização, Ascencio (2005) assinala a

relevância dos movimentos políticos do Haiti e dos haitianos após a Revolução que resultou na independência e libertação das pessoas escravizadas no país. Segundo a autora, depois da guerra da independência, que expulsou os colonos, antigos “donos” das plantações, o Haiti experimentou uma sucessão de governos tirânicos que mantinham a rotina de exploração aos antigos escravizados. A autora assinala que a aversão ao regime de exploração culminou no progressivo distanciamento da população em relação às discussões políticas. Horrorizados com a ameaça constante de um retorno da violência escravagista, os haitianos, “desconfiados, inventaram um modo de estar no país sem participar em seus assuntos” (Ascencio, 2005, p. 133, *tradução nossa*). Foi essa a origem de uma figura importante na cultura haitiana, o *zombi*, representante da regressão à escravização e que servia, afirma Ascencio (2005), para recordar ao haitiano de que é melhor morrer do que voltar a ser escravo.

Além dos conflitos concernentes ao processo de escravização, o Haiti viveu um período de intensas instabilidades políticas. Segundo Koffi-Tessio (2005), o assassinato de Jean-Jacques Dessalines (1758-1806), líder da revolução haitiana e da primeira república negra, o suicídio do autoproclamado rei Henri Christophe (1767-1820) e a partida de Faustin Elie Soulouque (1785-1867), imperador do Haiti, inauguraram uma triste tradição de fracassos políticos para os líderes haitianos. Do mesmo modo, a ditadura dos Duvalier – presidência do Papa Doc, François Duvalier (1957-1971) e do Baby Doc, Jean-Claude Duvalier (1971-1986) -, somado às iniciativas das campanhas religiosas que confrontavam as práticas do vodu haitiano e a política de exploração que promovia o agravamento do empobrecimento do país, estiveram na base do processo de diáspora. A escolha pelo exílio foi balizada, na história do Haiti, pelo propósito de escapar de um contexto de extrema vulnerabilidade e instabilidade sociopolítica. E assim a diáspora haitiana começou: “milhares de haitianos foram enviados ao exílio ou escolheram o exílio para escapar da miséria e da tirania” (Ascencio, 2005, p. 135, *tradução nossa*). Foi desse modo que, circulando o mundo, a figura dos *boat people* haitianos parecia repetir a travessia inicial da viagem dos barcos saídos de África em direção à América, com variações no que tange aos destinos e aos propósitos (Ascencio, 2005). Pode-se afirmar, portanto, que para além de se constituir como um movimento de deslocamento provocado por acontecimentos catastróficos naturais, como o terremoto de 2010 – ou com o sismo de 2021, que se passou durante o desenvolvimento desse estudo –, a *diasporização* da população haitiana decorre da histórica exploração que se impunha ao país pela comunidade internacional, fazendo ecoar uma complexidade que exige reflexões ampliadas para as condições sociais e políticas que permeiam esse processo migratório.

A diáspora haitiana, como pontua Joseph Handerson (2015), concerne ao desígnio dos compatriotas que residem no exterior, que retornam ao Haiti e depois retornam para o exterior. *Misik diaspora, lajan diaspora, kay diaspora*. Para o autor, a mobilidade haitiana é cultivada e se inscreve como um recurso para alcançar progresso social, cultural e econômico. Nesse sentido, assinala Handerson (2015), a experiência haitiana transmite outra ideia de nacionalidade e transnacionalidade, circunscrita em uma nova forma de relacionar-se com o Estado-nação e com o território, o que se constitui como um sentimento de extraterritorialidade, “engendrando aspectos de outros pertencimentos para além do território, mas dando sentido às redes solidárias, famílias ampliadas ou estendidas, redes afetivas, dentre outras” (p. 75). Pode-se argumentar, então, que a chegada de haitianos no Brasil se circunscreve tanto em um processo migratório contemporâneo – e que por isso transmite algumas preocupações emergentes relativas à inscrição da migração nas novas dinâmicas mundiais –, quanto em um processo de diáspora que decorre da transnacionalização do Haiti, que resulta de um encadeamento de fatores sociais e políticos e reafirma uma “noção de pertencimento que os migrantes possuem, independentemente dos seus lugares de residência no exterior” (Handerson, 2015, p. 58). É nessa interseção entre processo migratório contemporâneo e processo diaspórico das pessoas haitianas que se pretendeu, nesse estudo, problematizar as incidências psíquicas de migrar.

No início de 2010, chegaram algumas pessoas haitianas, mas as autoridades brasileiras não deram tanta atenção (Fernandes, & Faria, 2017). Acreditava-se, à época, que o Brasil era apenas um lugar de trânsito para os haitianos e, por isso, tratava-se de um movimento episódico, temporário. Mas, ao contrário do que se supunha inicialmente, mais e mais pessoas chegavam às fronteiras brasileiras, chamando atenção da imprensa, que veiculava notícias em tom alarmista (Cogo, 2014). Evidenciava-se, dessa forma, uma fragilidade na política de acolhida brasileira. Foi apenas em outubro de 2010 que o Conselho Nacional de Imigração constituiu um grupo para trabalhar com a questão migratória haitiana (Fernandes, & Faria, 2017). Às lacunas na acolhida do/no Estado, responderam os projetos e programas brasileiros, constituindo diversos grupos de pesquisa e de extensão universitária que se mobilizaram para atender as demandas desse fluxo migratório. Como apontam Paula Coury e Julia Rovero (2017), no contexto da migração, as universidades brasileiras compareceram no acolhimento, na viabilização de projetos de extensão e no fomento de políticas públicas, por meio de pesquisas e da formação de profissionais-pesquisadores. Foi então, no bojo da extensão universitária, que se pôde observar algumas nuances do processo de encontro com a nova língua, no novo país.

Em um primeiro momento, foi perceptível que requisitar vistos brasileiros caracterizava-se como uma dificuldade aos haitianos. Tal fato decorria de fatores como a língua e as confusões relativas às categorias de migração e refúgio, visto que não se podia ignorar os eventos catastróficos transcorridos no Haiti. A lei brasileira da migração, Lei nº. 13.445, é recente, foi promulgada em 24 de maio de 2017, sendo que dela decorre muitas mudanças no entendimento dos termos *imigrante*, *emigrante*, *visitante*, *apátrida* e *residente fronteiriço*, incidindo em novas pautas de discussões para as políticas públicas brasileiras. Antes dela, vigoravam as leis nº. 818/49 e nº. 6.815/80, que se sustentavam na categoria de *estrangeiro*, termo que foi utilizado na nova legislação (Lei nº. 13.445) apenas para tratar do *Estado estrangeiro* ou do *estrangeiro ilegal*. Sem dúvidas, essas mudanças conceituais foram bastante significativas, pois se o estrangeiro é ilegal, quais as implicações de nomear estrangeiro quem está exercendo um direito humano fundamental de ir, vir e, nesses movimentos, buscar melhores condições para (sobre)viver?

A dificuldade decorrente da língua foi um segundo ponto de atenção, aspecto que mobilizou haitianos e brasileiros que se dispuseram a compartilhar momentos de ensino de português brasileiro com os recém-chegados. Integrar um desses momentos no bojo do Programa de Extensão Migração Internacional na Amazônia Brasileira: linguagem e inserção social em Porto Velho (MIMCAB/UNIR) foi o que permitiu aproximações com o campo das migrações. Certamente, a experiência de sala de aula no ensino de português brasileiro, como língua de acolhimento, operou como um empuxo para pensar as questões de língua. *Língua selvagem*, que não se pode domar, só se pode decepar (Andalzuá, 2009). *Língua absolvida*, esquecida, apagada, ameaçada de corte (Canetti, 2010). *Língua materna*, na qual o interdito produz “um impossível de dizer, impossível de não dizer de uma determinada maneira” (Milner, 1978/2012, p. 27). Quais são os efeitos engendrados ao demandar do sujeito que aprenda o idioma do país de destino? Que renúncias são requeridas ao sujeito para alçar uma inserção na nova comunidade? Na migração, a diferença entre falar ou não falar o idioma do outro pode resultar na impossibilidade de ser compreendido, e isso não só no sentido da falta de proficiência no novo idioma, mas também em um sentido mais amplo, como alude a expressão brasileira da língua corrente, de não falar *a mesma língua* do outro.

O interesse desta investigação situou-se, no início, em interrogar os deslocamentos que são empreendidos pelo sujeito a partir da língua. Como afirma Lacan (1981), o inconsciente é tecido de linguagem. Mostra-se importante, nesse sentido, pensar em como a língua do país incide no psiquismo do sujeito em exílio, lugar onde reina a língua materna, da pátria e – por

que não? - mátria, de origem. Essa questão partia da proposição de que, além da travessia no sentido geográfico, a experiência do exílio se inscreve no psiquismo por meio de um movimento de *travessia* dos significantes, em sentido de tradução, como abordado pelos psicanalistas Élise Pestre e Fethi Benslama (2011) com o termo latim *traducere*. A interrogação que se estabelecia então, mediante a dupla conotação que a travessia pode evocar, referia-se às possibilidades e às impossibilidades de traduzir, de uma língua para outra, as vivências subjetivas, considerando os vestígios e os rastros da língua materna na língua de acolhimento. Sabe-se como a questão da língua haitiana, *Krèyol Ayisyen*, é significativa para a identidade nacional, como ela foi fundamental para a luta das pessoas negras em direção à efetivação da Revolução Haitiana e como os conflitos de reconhecimento dessa língua ainda estão presentes no território haitiano. Como explicitam Pimentel-Cotinguiba, Cotinguiba e Ribeiro (2016, p. 32), o “crioulo é a língua da revolução que instituiu, de um só golpe, três feitos históricos, a primeira república negra da humanidade, a primeira libertação dos escravos negros do mundo colonial e a primeira nação formada por ex-escravos”. Notável é, nesse sentido, a relação de dominação do crioulo haitiano pelo francês, a língua do colonizador. Pelos aportes da psicanálise, constata-se que a língua não é tão somente um veículo de letras e palavras. Como propõe Fanon (1952/2008), “falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (p. 33). Paradigmático é, nesse sentido, o silenciamento da língua do sujeito migrante, que não é compreendido por meio da língua do país de origem e precisa, sob o risco de não poder se fazer escutar, renunciar ao que o constitui de modo singular, como a sua língua e a sua cultura.

Se, inicialmente, a questão que se impunha era a língua em sentido mais estrito, com o decorrer do tempo e com as aproximações ao campo de pesquisa, o sentido mais amplo da língua apresentou-se como mais urgente, pois abrange um problema que é, ao mesmo tempo, psíquico e ético-político, o qual se refere à hospitalidade oferecida aos migrantes. A partir do estudo teórico e da escuta das narrativas de migrantes, passou-se a considerar que as renúncias impostas e os desafios de se fazer escutar no novo país a partir da língua materna¹ configuram-se como índices da instabilidade da acolhida que se recebe/oferta. Foi a partir dessa questão inicial que se abriu a possibilidade de ressituar a pesquisa a ser empreendida. O encontro com a teoria de Sándor Ferenczi (1873-1933) e, de modo especial, com o seu desenvolvimento conceitual da noção de confusão de línguas possibilitou interrogar efetivamente a linguagem.

¹ Toma-se aqui a perspectiva desenvolvida por Charles Melman (1992), para quem a língua materna é a língua que se sabe, isto é, língua que autoriza o sujeito a falar em lugar de mestre, ser falado por ela.

Ao tomar essa questão de forma ampliada, não só como forma de comunicação, mas também como forma de estar em relação ao outro identifica-se o fato de que ela não é imune, sob nenhuma hipótese, às relações de poder entre sujeitos, já que “falar é existir absolutamente para o outro” (Fanon, 1952/2008, p. 33).

Para abordar as implicações psíquicas da violência no contexto da migração haitiana, o argumento central utilizado nesta pesquisa ancorou-se, principalmente, nos conceitos de confusão de línguas e desmentido propostos por Ferenczi (1931a/2011; 1932/2011) e na noção conceitual de hospitalidade apresentada por Jacques Derrida (2003). A confusão de línguas ocorre, segundo Ferenczi (1932/2011), quando um adulto interpreta o brincar da criança, revestido da ternura própria ao estágio da infância, a partir da língua adulta da sedução, isto é, da “língua” apoiada na sexualidade sob o primado genital. Nessa confusão ocorre a sobreposição de uma língua sobre a outra, em uma relação assimétrica, em que um sujeito fica exposto aos efeitos da incidência do traumático, especialmente, quando o adulto responde à criança com o desmentido e o descrédito. Assim, a noção de confusão de línguas, nos aportes ferenczianos, compareceu denunciando os conflitos no interior das relações alteritárias, derivados da incompreensibilidade entre sujeitos que não “falam” a língua um do outro (Ferenczi, 1932/2011).

Na cena referida por Ferenczi (1931a/2011), em que a criança é violentamente mal compreendida pelo adulto, é quando a criança relata o vivido que se situa um tempo decisivo que concerne ao estabelecimento do trauma. Quando essa criança é acolhida, os efeitos traumáticos do que fora vivenciado podem ser totalmente minimizados, pois sua confiança nos adultos e em si mesma fica preservada. Já no caso em que a criança é desmentida pelo adulto que a escuta, transcorrem os efeitos patogênicos do traumático (Ferenczi, 1931a/2011). Desmentida em sua experiência, a criança fica despotencializada psiquicamente e precisa, para superar esses efeitos, amadurecer muito rapidamente, recorrendo a meios de defesa psíquica como esteios para proteger-se do traumático. O desmentido está, portanto, estreitamente relacionado com a dinâmica de “confusão”, no sentido em que evoca a dimensão da recusa em reconhecer o outro, a língua do outro, a cultura, os costumes, enfim, a condição de ser do outro.

A articulação dessas duas noções ferenczianas permite pensar as assimetrias e as violências políticas e sociais que operam nas relações alteritárias. Como complemento, a noção de hospitalidade em Derrida (2003) remonta à dimensão do reconhecimento e da recepção do estrangeiro, o que está, desde a origem da palavra – hospitalidade –, tensionada com a hostilidade. Segundo Derrida (2003), hospedar o estrangeiro é ceder um lugar, deixá-lo vir e

“ter um lugar no lugar que ofereço a ele, sem exigir dele nem reciprocidade (a entrada num pacto), nem mesmo seu nome” (p. 25). Nessa perspectiva, a hospitalidade irrestrita nada exige, somente oferta, incondicionalmente, um lugar para que o outro faça para si um lugar. Por outro lado, a hostilidade remete à violência frente ao outro, ao não-reconhecimento da sua condição de ser ou, retomando Ferenczi (1931a/2011), ao desmentido. Foram esses impasses, precisamente, os quais se pretendeu abarcar nessa dissertação.

O inovador conceito de confusão de línguas cunhado por Ferenczi (1932/2011) denuncia os conflitos nas relações alteritárias decorrentes das relações de poder, que resultam na sobreposição/imposição de uma língua sobre a outra. Nesse sentido, a digressão do conceito apresentado rumo ao campo das migrações possibilitou considerar as diversas formas com que se apresentam os desmentidos sociais, na negação do sujeito em sua condição de outro que instala efeitos traumáticos revestidos de sofrimento psíquico e angústia. Considerou-se, portanto, os efeitos de tal condição em articulação com a noção de hospitalidade, na perspectiva de Derrida (2003), a qual possibilitou abordar a confusão de línguas que se configura mediante os impasses entre a hospitalidade e a hostilidade na acolhida do sujeito no país de destino, fazendo com que, em lugar de serem recebidos de modo hospitaleiro, sutilmente apareça a hostilidade.

Esse estudo pretendeu, a partir do aporte psicanalítico, identificar e desenvolver uma reflexão sobre os efeitos psíquicos decorrentes de experiências de hospitalidade/hostilidade vividas por migrantes haitianos. Para apresentá-lo, este trabalho foi organizado em capítulos, os quais permitiram apresentar o processo de aproximação com o campo, abrangendo a revisão de referências teóricas que sustentam análises sobre a experiência migratória e tecendo considerações acerca da escuta das narrativas de sujeitos migrantes.

No primeiro capítulo, buscou-se delinear aspectos referentes à migração tensionando com os desdobramentos na vida dos sujeitos que empreendem tal deslocamento. No segundo capítulo, pretendeu-se desenvolver uma leitura ampliada acerca da concepção de trauma, com ênfase no aporte freudiano, com as primeiras formulações teóricas do psicanalista vienense, para apresentar a inovação efetuada por Ferenczi. Destaca-se o modo inovador pelo qual o psicanalista húngaro tomou o conceito psicanalítico de trauma, inaugurando um recurso para a leitura psicanalítica de fenômenos sociais e políticos. Assim, a abordagem ferencziana permitiu explorar os desdobramentos do desmentido como uma condição imposta ao sujeito, sustentando-se que não é apenas o evento traumático narrado pelo sujeito que é desmentido, mas sua própria condição de ser. No terceiro capítulo, buscou-se discorrer sobre os pontos de

aproximação nas escritas do psicanalista Sándor Ferenczi e do filósofo Jacques Derrida, a fim de explorar as sutilezas com que se apresentam a hospitalidade e a hostilidade frente ao migrante. No quarto capítulo, pretendeu-se discorrer acerca do percurso investigativo, articulando o processo de aproximação em direção aos participantes desse estudo. No quinto capítulo, buscou-se apresentar o trabalho com as narrativas dos participantes, entrecruzando-as com reflexões suscitadas desde a transferência ao campo da pesquisa realizada. A partir do encontro entre pesquisadora e sujeitos participantes, o intuito foi problematizar as condições de escuta do singular e de reconhecimento, a fim de pensar um percurso investigativo que considerasse as sutilezas da hospitalidade e da hostilidade frente ao migrante-hóspede. Por fim, pretendeu-se tecer considerações acerca do percurso investigativo, no intuito de discutir sobre o potencial de hostilidade que também pode fazer-se presente no campo da pesquisa e contribuir para a discussão ética em torno da hospitalidade.

Percurso metodológico e aproximações ao campo das migrações

Ao pretender abordar a noção de confusão de línguas relativa aos impasses entre hostilidade e hospitalidade frente ao sujeito migrante, esta pesquisa circunscreveu-se na escuta dos indícios desses movimentos singulares, vivenciados por migrantes haitianos, a partir da escuta da narrativa desses sujeitos. Nesse sentido, a escolha metodológica ancorou-se nas especificidades do tema dessa pesquisa, o qual, sendo da ordem de um saber acerca do singular, identifica-se à pesquisa psicanalítica (Dal Forno, & Macedo, 2021). Apoiou-se, assim, na proposição de Dal Forno e Macedo (2021), relativa aos três pilares que sustentam a pesquisa psicanalítica, a saber, *o pesquisador psicanalítico*, *a transferência do pesquisador com a psicanálise* e *a produção de um saber aportado no espaço de orientação universitária*.

Nessa perspectiva, este estudo pautou-se na escuta em transferência, por meio da qual buscou-se produzir um saber acerca das incidências psíquicas da experiência de migrar, dos efeitos da violência e do desmentido na subjetividade dos sujeitos migrantes.

Nas discussões sobre a pesquisa psicanalítica, são as especificidades quanto ao método que permanecem em destaque. Iribarry (2003) aponta que, operando com a imprevisibilidade inerente ao inconsciente, a psicanálise não poderia jamais exigir uma sistematização completa e exclusiva. O autor sugere que a especificidade da psicanálise, em relação às demais abordagens, demarca ao menos dois pontos fundamentais. O primeiro ponto, para o autor, refere-se à propriedade de não precisar incluir, nos objetivos, inferências generalizantes, pois os resultados da pesquisa modificam a forma com que os pesquisadores se posicionam em relação aos sentidos produzidos pelo texto que publicita a pesquisa. Já o segundo ponto, como expõe Iribarry (2003), alude ao fato de que, na proposição das análises, a psicanálise opera com o significante e não com o signo, pois, diferentemente deste, aquele “só é significante para determinado sujeito em determinada situação” (p. 121).

Destaca-se que a transferência está no seio da experiência do pesquisar. Nas palavras de Iribarry (2003), a “singularidade de cada caso é parte não só da experiência situada pelo paciente, mas também pelo pesquisador, e esta última, tanto ou mais que a primeira, jamais poderá aspirar a uma forma de generalização, pois é limitada por suas próprias peculiaridades” (p. 134). Sendo assim, é próprio ao ofício do pesquisador a relação transferencial.

Acerca da transferência, Rosa (2004) destaca que o método psicanalítico opera via escuta psicanalítica, que consiste em escutar os efeitos do inconsciente no sujeito e nos laços, para produzir um saber na e pela transferência. Nesse sentido, a escuta sob transferência

constitui um lugar em que sujeito e psicanalista podem construir um saber inconsciente acerca do singular. Como destaca a autora, essa escuta “implica que o analista suporte a transferência, ou seja, ocupe o lugar de suposto-saber sobre o sujeito – uma estratégia para que o sujeito, supondo que fala para quem sabe sobre ele, fale e possa escutar-se e apropriar-se de seu discurso” (Rosa, 2004, p. 343). Nessa direção, Lo Bianco (2003) assinala que, no contexto da pesquisa psicanalítica, o analista é tão objeto quanto o sujeito a quem se oferta escuta e a produção inconsciente emergente. Nesse sentido, o pesquisador psicanalítico não é somente uma variável a ser controlada, mas é, do lugar de onde fala, causa do que emerge na narrativa. Lo Bianco (2003) sugere, assim, que a neutralidade é tanto impossível quanto indesejável, de modo que o pesquisador é inseparável do material a ser analisado. O saber, em psicanálise, se constrói em um movimento de balança entre a realidade e a teoria. Sendo assim, baliza a autora, não há saber acabado nem totalizante. Além do mais, “o conceito não se constrói de forma arbitrária, mas surge no movimento de vai-e-vem dos textos às situações clínicas e delas de volta aos textos, e só se torna possível por referência à presença do analista diante do analisante” (Lo Bianco, 2003, p. 121). Conforme indicado por Poli (2008), “na psicanálise, não se pesquisa para comprovar o que já se sabe. Pesquisa-se, antes, para dar testemunho de um encontro com o real, com esse ponto da experiência que resiste ao saber e que opera pela via privilegiada da transmissão na psicanálise: a transferência” (p. 171).

Ao colocar em questão os indícios dos efeitos psíquicos decorrentes da confusão de línguas, escutados na narrativa de haitianos e haitianas enredadas nos espaços políticos e sociais, evocou-se, precisamente, a dimensão da escuta psicanalítica sustentada pela transferência. Cabe destacar que essa escuta está inexoravelmente implicada em uma ética inerente à psicanálise, “que contempla a singularidade do pesquisador e do sujeito a quem se oferece escuta, e cujos desdobramentos fazem-se notar tanto no campo de progressos da técnica quanto de novos acréscimos ao saber psicanalítico” (Dal Forno, & Macedo, 2017, p. 1).

Ora, se o método de pesquisa psicanalítica por excelência é a escuta do sujeito do Inconsciente e este sujeito está “presente em todo enunciado, recortando qualquer discurso pela enunciação que o transcende” (Rosa, 2004, p. 342), pode-se escutá-lo em qualquer lugar, desde que no campo da transferência. Assim, é imprescindível demarcar a posição ética no cerne do ofício do pesquisador psicanalítico (Dal Forno, & Macedo, 2021). Na proposição de Dal Forno e Macedo (2021) referente aos três pilares que sustentam a pesquisa psicanalítica, foi possível encontrar o amparo necessário para sustentar esta pesquisa.

Alinhados com a proposta de Iribarry (2003), segundo a qual o psicanalista é o primeiro

sujeito da pesquisa, os autores delinham três tempos do testemunho:

O primeiro tempo ocorre na medida em que o pesquisador testemunha a narrativa realizada pelo participante da pesquisa; o segundo se dá no contexto da orientação/supervisão com o orientador psicanalista, em que o pesquisador procede à análise e à interpretação dos dados; o terceiro se refere à apresentação dos achados da pesquisa aos pares, permitindo a circulação do saber produzido, principalmente no âmbito acadêmico (Dal Forno, & Macedo, 2021, p. 6).

A testemunha da narrativa do participante da pesquisa, a elaboração da análise e interpretação dos dados no contexto da supervisão e, posteriormente, o testemunho diante dos pares do saber produzido constituem, portanto, os *três tempos do testemunho*. Nesse sentido, estende-se a todas as etapas do processo investigativo, ou seja, da escuta à orientação e à escrita do ensaio metapsicológico, a transferência do pesquisador com a psicanálise.

Destaca-se, ainda, a importância da análise do psicanalista, estendida da clínica ao contexto da pesquisa. Dal Forno e Macedo (2021), ancorados na *segunda regra fundamental*, que é justamente a análise do analista, como proposto por Ferenczi (1928/2011), pontuam que o resultado do processo investigativo depende de até onde o pesquisador-psicanalítico foi na sua análise. Desse modo, a análise pessoal é, para o psicanalista que se lança no campo da pesquisa, “a base de sustentação de seu ofício” (Dal Forno, & Macedo, 2021, p. 5).

Em uma pesquisa na qual a escuta e a escrita ocorrem sob transferência, “o pesquisador/psicanalista se entrega à atividade de pesquisar com sua capacidade de escutar e interpretar, promovendo uma transformação da teoria e do próprio pesquisador ao final” (Dallazen, Giacobone, Macedo, & Kupermann, 2012, p. 52). Portanto, a produção de conhecimento implica participantes e pesquisadora, que se colocam como testemunhas da palavra e que, pela via transferencial, encontram-se genuinamente.

Na intenção de escutar as narrativas sobre as experiências vividas no processo de deslocamento, foi proposta a realização de entrevistas abertas como meio fundamental de acesso aos dados. Essas entrevistas se deram em modalidade presencial, na cidade de Porto Velho, Rondônia, mediante a leitura e assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B). Embora estivesse prevista a possibilidade de realizar entrevistas na modalidade remota, todas as entrevistas realizadas foram presenciais.

Além da entrevista, outro instrumento utilizado nesta pesquisa foi a Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos (Anexo A), por meio da qual foram coletados dados pessoais e informações concernentes às condições sociais de modo mais específico. Esse instrumento foi preenchido em conjunto com cada participante. Além disso, garantiu-se ao participante a possibilidade de encaminhamento para acompanhamento psicológico caso se identificasse a

necessidade.

O primeiro contato com os possíveis participantes da pesquisa se deu por meio do vínculo já estabelecido com a população migrante na cidade de Porto Velho, que participa dos projetos ofertados pelo Programa de Extensão Migração Internacional na Amazônia Brasileira: Linguagem e Inserção Social em Porto Velho, ligado à Universidade Federal de Rondônia (UNIR), como por exemplo as aulas de Português para migrantes haitianos e de outras nacionalidades. O Programa de Extensão, desde 2011, oferta aulas de português brasileiro para migrantes e faz vezes de lugar de encontro, espaço que, no decorrer da construção desta pesquisa, proporcionou aproximações com o campo das migrações. As aulas de português mantêm um fluxo de pessoas haitianas incessante, entretanto, mais recentemente, o número de haitianos que frequentam as aulas diminuiu significativamente. De todo modo, a partir das indicações dos coordenadores do projeto, um participante foi contactado e demonstrou interesse em participar da entrevista. Utilizando o método “Bola de Neve” (Turato, 2010), em que um participante indica outro, chegamos a mais um participante que, por sua vez, indicou mais um participante. A cada participante foi exposto o convite para narrar sua experiência migratória, o que permitiu escutar sobre a migração haitiana como fenômeno social de mobilidade e transnacionalidade, ao mesmo tempo que possibilitou escutar sobre as singulares experiências vividas no deslocamento de cada sujeito. Foram participantes três homens haitianos que residiam em Porto Velho no momento da entrevista.

Os três participantes demarcavam travessias e características bem singulares, embora as histórias se entrecruzassem por função da rota escolhida ou do momento de chegada. Com efeito, ao pensar nos percursos e como cada um deles se apresentou para as entrevistas e, principalmente, sobre como eles poderiam ser aqui apresentados, surgiram alguns nomes de importantes personagens do vodu haitiano, os Loas, que acredita-se poder representá-los nesta etapa do estudo. Pode-se dizer que o vodu haitiano assume, na identidade nacional, o papel de uma língua que liga as pessoas, fundamental no processo que culminou na independência do país, “uma espécie de idioma comum através do qual foi possível integrar as massas escravas na luta comum pela liberdade e, conseqüentemente, pela independência do Haiti” (Baptista, 2014, p. 27). Nesse sentido, apresentá-los por meio de nomes de Loas do panteão haitiano é trazer para a discussão, também, uma dimensão importante da cultura e da linguagem haitiana.

O primeiro participante identifica-se ao *Papa Legba*. No panteão haitiano, Legba é um Loa central, reconhecido em diversas culturas e religiosidades de matriz africana como o guardião da encruzilhada. De acordo com Simas (2019, p. 16), Papa Legba é o “vodum

traçador e traçador de caminhos, dinamizador dadivoso das relações sociais e diplomático afirmador das capacidades humanas de estar nele mesmo e no outro, como dínamo transformador e incessante inventor de existências”. Papa Legba é, assim, a divindade ligada à vida, aos fluxos e à criação; sem Legba, resta a morte, em sentido de falta de vivacidade, de despoticidade. Para Issitt e Main (2014), Papa Legba controla a comunicação dentre os Loas e entre os homens e os Loas, o que aparece nas canções por intermédio do pedido para que Legba abra os portões. Papa Legba é, portanto, aquele que unifica, não para apagar as diferenças, mas para dinamizar a comunicação entre os homens e os Loas; é ele quem traça caminhos e abre os portões para os homens.

O segundo participante foi identificado como *Damballah-Wedo*. Damballah-Wedo é o mais alto e mais poderoso Loa (Hurston, 1990). É frequentemente associado com a sabedoria e com a fertilidade. Quando caiu a primeira chuva e se formou um arco-íris, Ayida Wedo, eles se apaixonaram e, entrelaçando-se, fecundaram a vida (Davis, 2001; Platoff, 2015). Por isso, Damballah-Wedo é conhecido por ser pai de tudo que é bom.

O terceiro participante, está identificado nesse estudo como *Rada*. Rada não é exatamente um Loa, mas sim uma família constituída por Loas que guardam uma característica muito singular: são benevolentes e chamados para proteção (Platoff, 2015). É uma família constituída pelos Loas nascidos em África, os quais se apresentam como guardiões da cultura e da tradição.

O quadro abaixo apresenta informações gerais sobre os participantes a fim de identificá-los.

Quadro 1: Informações sobre os participantes

Nome do participante ²	Idade	Percurso migratório	Estadia no Brasil
Papa Legba	42 anos	Atravessou a República Dominicana, Peru, Equador, Acre (Brasil) e Rondônia (Brasil)	2010 – atual
Damballah-Wedo	29 anos	Atravessou a República Dominicana, Peru, Panamá, Equador e Acre (Brasil)	2014 – atual
Rada	38 anos	Esteve no Brasil duas vezes. Na primeira viagem, atravessou a República Dominicana, Rio Grande do Sul (Brasil) e Rondônia (Brasil). Na segunda viagem, atravessou a República Dominicana, Panamá, São Paulo, Rio Grande do Sul (Brasil) e Rondônia (Brasil).	2011 a 2015 2017 – atual

² Pseudônimos atribuídos aos participantes da pesquisa.

Cada um dos Loas identificados foram reconhecidos por meio de características que se entrelaçam aos participantes da pesquisa. Nesse sentido, o aporte na nomeação, além de preservar a identidade dos participantes, permite destacar alguns elementos da cultura e da identidade haitiana que se expressam por meio da escuta e da transferência com os relatos escutados.

Tendo em vista as questões éticas que permeiam a escuta psicanalítica, propôs-se que os eixos norteadores da entrevista fossem orientados pela narrativa do participante, sem necessidade de perguntas pré-concebidas, de modo que se pudesse escutar acerca da vivência singular de deslocamento por meio da narrativa livre. Admite-se, em consonância com a proposição de Dockhorn e Macedo (2015), que as transcrições são válidas como documentos oriundos da pesquisa, e possuem, mediante essa perspectiva, um “valor inegável” (p. 533), o que motivou a opção por gravar as entrevistas em áudio para posterior transcrição.

Pretendeu-se desse modo acessar os dados para subsidiar a realização do estudo sem atravessar a narrativa livre do sujeito, prezando pelo encontro genuíno entre pesquisadora e participante, enredados em um processo transferencial, de onde se pudesse testemunhar e produzir um saber acerca do singular. As narrativas dos participantes foram gravadas e posteriormente transcritas mediante a autorização dos participantes, de modo que fosse possível acessar o material de modo fidedigno. Além disso, as observações realizadas pela pesquisadora também compõem o material que subsidiou a análise dos dados, seguindo os três tempos do testemunho, conforme proposto por Dal Forno e Macedo (2021).

Por se tratar de pesquisa ancorada no método psicanalítico, os dados acessados foram analisados à luz da psicanálise, em destaque pelos aportes freudianos referentes aos conceitos de confusão de línguas e desmentido (1927/2011; 1931a/2011; 1932/2011) e pela noção de hospitalidade na perspectiva abordada por Derrida (2003). Ademais, seguindo a proposição dos três tempos do testemunho segundo Dal Forno e Macedo (2021), o procedimento de análise e interpretação dos dados perpassou pelo contexto de supervisão/orientação, com a orientadora psicanalista. Desta maneira, a construção dessa pesquisa teve esteio na análise pessoal da pesquisadora, na transferência dessa com a psicanálise e no espaço de supervisão/orientação, através da elaboração das análises mediante a alteridade da orientadora.

Ainda nessa perspectiva, a escrita proposta foi realizada no modelo de ensaio metapsicológico, por possibilitar a circulação do saber produzido por meio do estudo. Irribarry (2003) defende que a escrita da pesquisa psicanalítica deve ser, assim como a própria estrutura do saber, não totalizante nem acabada. O autor propõe o ensaio metapsicológico como via para

a transmissão do saber psicanalítico, pois, na visão do autor, esse é “uma construção que deve surgir a partir da pesquisa realizada e apresentada à banca examinadora, de modo que, futuramente, dela surjam artigos destinados a um público anônimo” (p. 132).

Por fim, destaca-se que, o princípio da realidade, encarnado, no contexto da pesquisa universitária, pela alteridade representada pela orientadora e banca examinadora, possibilita elaborar questões que surjam do campo transferencial e contratransferencial. Buscou-se, dessa forma, alçar uma escrita em movimento, que permitisse um dizer que articula a narrativa, as construções que se deram no campo transferencial e as elaborações feitas a partir do material colhido na pesquisa.

Considerar sem deixar-se siderar: acerca do percurso da pesquisa

Pati pas di ou rivé pou ça. Partir não quer dizer que você chegou, diz um provérbio haitiano demonstrando que entre sair de um lugar e chegar há uma grande distância. Esse provérbio, que inspira as considerações desta dissertação, ilustra que é preciso partir para que – algum dia – se possa chegar. Quem sai do seu país de origem, em direção a um novo país, também vivencia as tensões de trilhar um caminho ainda incerto, uma experiência que pode ser marcada pelas possibilidades e impossibilidades de chegar. Assim como a pesquisa aqui desenvolvida, que precisou partir de algum ponto, sem certezas da chegada.

No decorrer deste percurso investigativo, buscou-se indagar a respeito dos desdobramentos psíquicos da experiência migratória, problematizando as incidências subjetivas da hospitalidade e da hostilidade frente aos migrantes haitianos. Constatou-se alguns impasses a propósito dos quais foi possível estabelecer discussões, por meio de articulações teóricas que ampliaram-se em questionamentos e interrogações. Nesse ínterim, as confusões entre migrantes e autóctones, entre aqueles que não falam a mesma língua e que enfrentam os impasses que se configuram na acolhida. Esses impasses desvelaram uma importante dimensão do laço social, potencialmente produtor de desmentidos quando não se reconhece um sujeito naquilo que o torna singular, como sua língua e sua cultura, fazendo com que em lugar da abertura para a alteridade como potencial de encontro e de criação, surja a hostilidade frente ao migrante-hóspede, que encarna o lugar de outro no laço social.

Nesta pesquisa de mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, pode-se tecer importantes argumentos a respeito do papel da psicanálise na posição ética que lhe é própria, pautados na escuta sujeito do inconsciente e da produção do saber acerca do singular. Ancorada nos três tempos do testemunho (Dal Forno, & Macedo, 2021) que delinearão o percurso metodológico, as escutas efetivadas permitiram identificar a imprescindibilidade da consideração ao outro na plenitude de sua condição de ser, com vulnerabilidades e potencialidades, propondo-se, portanto, hospitalidade e reconhecimento como meios essenciais para o efetivo acolher à singularidade.

Nesse sentido, a escuta das narrativas de Papa Legba, Damballah-Wedo e Rada acerca dos seus percursos migratórios e o acolhimento às suas diferenças, consistiu em um passo essencial no desenvolvimento desta investigação, possibilitando reflexões a partir de suas histórias sobre como a violência pode ter efeitos nefastos na vida de um sujeito, sobretudo diante do desamparo vivenciado por aqueles que, ao se deslocarem, ficam mais suscetíveis, a

partir de sua condição de estrangeiros, ao desmentido imposto pelo outro. Além do mais, as escutas permitiram identificar e refletir sobre como a hospitalidade é um importante meio de abertura e fomento à possibilidade de encontro genuíno com o outro, essencial para garantir a superação de violência no laço social. Considera-se que esses encontros, hospitaleiros às diferenças, foram cruciais para a escrita da dissertação.

Nas discussões propostas nesta dissertação, não se pretendeu esgotar a temática ou tecer considerações a título de produção de verdades e respostas universais, tampouco simplificar ou desmentir a complexidade envolvida nos processos migratórios. Trata-se, ao contrário, do reconhecimento às múltiplas questões que se impõem para novas investigações.

Frente à necessidade de optar por temáticas a serem exploradas no percurso da presente pesquisa, não foi possível abordar todas as questões que emergiram ao longo do processo de escuta das narrativas dos participantes. Trata-se de um precioso material cujo caráter inesgotável abre perspectivas de ser revisitado em outros tempos.

Assim, escutar o que se apresentou no campo transferencial – da pesquisadora com seu tema de pesquisa ou da pesquisadora com os participantes da pesquisa – possibilitou construir uma via singular de acesso às narrativas e às indagações sobre o campo das migrações. Sustenta-se a relevância da ética psicanalítica, que opera pela via da abertura para a escuta do singular, constitui-se de possibilidades e potencialidades inerentes ao encontro com a alteridade, no qual as narrativas dos sujeitos superam as teorias pré-concebidas e as perspectivas patologizantes. Nesses moldes, as construções possíveis em uma pesquisa psicanalítica sempre apontam para o que não se esgota. Aliás, nessa perspectiva, questionamentos ainda estão e estarão sempre sendo potencialidades e possibilidades no percurso, de forma que nunca será possível prever com exatidão o que se irá alcançar. Não é esse o verdadeiro modo de pesquisar?

As histórias de Papa Legba, Damballah-Wedo e Rada e, mais especialmente, as narrativas sobre a quantidade de entrevistas das quais alguns deles tinham participado anteriormente, permitiram pensar sobre o risco inegável de que as experiências de violência, dissimuladas sob indagações e questionamentos no escopo de “pesquisas”, desconsiderem e não escutem o outro e seu desconforto, mas priorize confirmar saberes pré-concebidos. Nessa dinâmica, podem ser (re)produzidos, no contexto da pesquisa, efeitos hostis e violentos.

Os relatos dos participantes permitiram questionar sobre a postura ética no âmbito da pesquisa e, também, identificar a importância de uma postura política no campo psicanalítico, que se proponha a questionar as violências no laço social e enfrentar os desmentidos que produzem sofrimento psíquico e dessubjetivação. A escrita e a divulgação dessas narrativas

constituem-se um ato político quando desvelam a ausência do cuidado e do reconhecimento de suas vulnerabilidades. Considerar os sujeitos e não desmentir a violência presente em suas histórias, dá relevância ao ato de pesquisar, não só nas possíveis análises teóricas que são feitas, mas também no resgate do potencial de desvelamento e reconhecimento – como avesso do desmentido imposto na hostilidade e na indiferença experienciadas – que se propõe como dispositivo principal da pesquisa. Logo, esse dispositivo reconhece as implicações no campo da transferência como um agente de reconhecimento e de hospitalidade, tão fundamental para o contexto das migrações. Considerar os sujeitos, sem deixar-se siderar, uma vez que essas vidas, embora vividas em condições de extrema violência, de hostilidade, são sonhadas e vividas em toda sua potencialidade. Sustenta-se, assim, que a psicanálise permite, na ética inerente a esse ofício, apostar na escuta do singular e na importância de que a “produção” do reconhecimento dos fatores múltiplos implicados nessa temática se oponha ao desmentido social.

Como visto, migrar pode ser vivido como uma experiência dolorosa se esta é permeada pela violência do laço social contra a alteridade, que se nega a reconhecer a condição de outro do sujeito e não prioriza a acolhida com tato, tão necessária ao desenvolvimento dos recursos psíquicos. Nessa leitura, a migração se aproxima da noção de traumático, desvelando-se como uma conjunção entre fatores sociais, políticos e econômicos que demonstram a fragilidade dos anteparos da cultura na garantia da segurança e da coesão entre os seres humanos. Por outro lado, migrar pode significar reinventar um lugar para si, autorizar-se, encontrar-se com o novo, com o outro que, ainda que seja diferente, é semelhante. Do mesmo modo, acolher pode suscitar intercâmbios culturais e de saberes, encontros genuínos que enriquecem a todos.

Com tantos encontros, tantas vozes, tantas escutas, muitas mudanças subjetivas efetivamente ocorreram, assim como no contato de uma língua com outra, que se tensiona, se enlaça e produz novos sentidos. A partir dos deslocamentos subjetivos dos sujeitos que atravessam esse percurso investigativo e que tão generosamente compartilharam as suas histórias, abre-se a possibilidade de realizar outros deslocamentos, abrindo novas questões para futuras investigações. Como um rio que encontra outros, é aqui que desemboca este percurso.

REFERÊNCIAS

- Adichie, C. N. (2019). O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras.
- Almeida Filho, J. C. P. (2005). *O ensino de Português como língua não materna: concepções e contextos de ensino*. São Paulo: Biblioteca do Museu da Língua Portuguesa.
- Andalzuá, G. (2009). Como domar uma língua selvagem. *Caderno de Letras da UFF*, 39, 303-318.
- Ascencio, M. (2005). Los dioses olvidados de Haití. *Contexto*, 9(11).
- Baptista, J. R. (2014). Bois Caiman: as metáforas da história e a realidade dos mitos na construção da identidade (inter)nacional do Haiti. *Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF*, 9(2).
- Barroso, A. J. F., Dias, W. N., & Fernandes, E. G. (2021). O sorriso ainda é a única língua que todos entendem? Problematização acerca do acolhimento a imigrantes haitianos. Em E. G. Fernandes, F. R. Lopes, L. G. Silva (Orgs.), *Insurgências amazônicas: saberes e fazeres em Psicologia* (pp. 17-32). Coleção Pós-Graduação da UNIR - EDUFRO.
- Becker, A. P. S., & Borges, L. M. (2015). O impacto das redes sociais no processo de migração familiar. *Ayvu, Rev. Psicol.*, 2(1), 161-185.
- Belo, M. (2000). Preto e branco na fundação brasileira. Em A. M. Costa, C. Melman, & R. Chemama, *Imigração e fundações* (pp. 87-92). Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Bemfica, A. G., & Poli, M. C. (2018). Travessia e deslocamentos: a adolescência como paradigma dos processos migratórios. Em A. C. Lo Bianco, *Psicanálise e Adolescência: pesquisa, clínica e inovação*. Rio de Janeiro: Contracapa.
- Benslama, F. (2003). D'un renoncement au père. *Topique*, 85, 139-148.
- Benslama, F. (2009). Exil et transmission, ou mémoire en devenir. *Le Français aujourd'hui* n° 166, *L'autre scène dans la classe*, 33-41.
- Benveniste, E. (1940/1948). Don et échange dans le vocabulaire Indo-Européen. *L'Année sociologique*, 3, 7-20.
- Bernardo, F. (2020). Como uma língua por inventar, a *hospitalidade poética* de Derrida. *Phainomenon*, 9, 9-67.
- Betts, J. (2000). Meu pai é melhor que o teu - considerações sobre o bilingüismo e aprendizagem da língua estrangeira. Em A. M. Costa, C. Melman, & R. Chemama, *Imigração e fundações* (pp. 151-158). Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Birman, J. (2014). *Arquivo e memória da experiência psicanalítica: Ferenczi antes de Freud*,

- depois de Lacan*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Bleichmar, S. (2005). Conceptualización de catástrofe social. Límites y encrucijadas. Em D. Waisbrot *et al* (Orgs.), *Clínica psicoanalítica ante las catástrofes sociales: la experiencia argentina* (pp. 35-51). Buenos Aires: Paidós.
- Bleichmar, S. (2006). As condições de humanização. Em R. G. Melgaço (Org.), *A ética na atenção ao bebê: psicanálise, saúde, educação* (pp. 15-24). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Borsati, J. (2019). Ser-estar-entre-línguas: um lugar de diferenças para as crianças haitianas se (re)conhecerem. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó.
- Calligaris, C. (1992). Apresentação. Em C. Melman, *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. São Paulo: Escuta.
- Canavêz, F., & Verztman, J. S. (2021). Somos capazes de escutar os desmentidos sociais? *Ayvu: Revista de Psicologia*, 8.
- Canetti, E. (2010). *A língua absolvida: história de uma juventude*. (K. Jahn, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras.
- Cesa, A. L. S. *et al.* (2000). O recalçamento do dialeto: seu retorno num lugar Outro. Em A. M. Costa, C. Melman, & R. Chemama *et al.*, *Imigração e fundações* (pp. 87-92). Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Chemama, R. (2020). O trauma segundo a psicanálise - alguns pontos de abordagem. *Deslocamentos/Déplacements*, 1(2), 13-20.
- Cogo, D. (2014). Haitianos no Brasil: comunicação e interação em redes migratórias transnacionais. *Tema Central, Chasqui*, 125.
- Cotinguiba, G., & Pimentel-Cotinguiba, M. L. (2012). Apontamentos sobre o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho. *Travessia - Revista do Migrante*, 70, 99-106.
- Cotinguiba, G. C. (2014). *Imigração haitiana para o Brasil: a relação entre trabalho e processos migratórios*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho.
- Cotinguiba, G. (2019). *Aletranje - a pertinência da família na ampliação do espaço social transnacional haitiano: o Brasil como uma nova baz*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho.
- Coury, P., & Rovey, J. (2017). O idioma como facilitador do processo de integração de

- refugiados e imigrantes: a experiência do Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH). Em E. Moreira *et al.* *Caderno de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania* (pp. 101-116). Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos.
- Dal Forno, C., & Macedo, M. M. (2017). A pesquisa psicanalítica sustentada em três pilares fundamentais. *II Encontro Internacional do Grupo de Trabalho Psicanálise, Subjetividade e Cultura Contemporânea*.
- Dal Forno, C., & Macedo, M. M. (2021). Pesquisa psicanalítica da transferência com a psicanálise à produção do ensaio metapsicológico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 37.
- Dal Forno, C., Canabarro, R. D., & Macedo, M. M. (2021). (Des)subjetivação, migração e refúgio: reflexões psicanalíticas. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, XXIV (1).
- Dallazen, L., Giacobone, R. V., Macedo, M. M., & Kupermann, D. (2012). Sobre a ética em pesquisa na psicanálise. *PSICO*, 43(1), 47-54.
- Davis, W. (2001). Una luz al costado del mundo. *Centro Cultural del Bid*, 41, Banco Interamericano de Desarrollo.
- Derrida, J. (2002). *Torres de Babel*. (J. Barreto, Trad.) Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Derrida, J. (2003). *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade*. (A. Romane, Trad.) São Paulo: Escuta.
- Derrida, J. (2004). Jacques Derrida, penseur de l'événement. Em *L'humanité*, 28 janeiro de 2004 [Entrevista].
- Dieme, K., Tonhati, T., & Pereda, L. (2020). A migração haitiana e a construção de seus “Nortes”: Brasil um “Norte” alternativo e temporário. *Revista Brasileira de Sociologia*, 8(19), 126-147.
- Do Vale, A. L. A., & Cardoso, M. R. (2018). Recusa da diferença e segregação do outro nas perversões. Em M. R. Cardoso, & R. Herzog (Org.). *Diferença e Segregação*. Paraná: APPRIS.
- Dockhorn, C. N. B. F., & Macedo, M. M. K. (2015). Estratégia clínico-interpretativa: um recurso à pesquisa psicanalítica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31 (4), 529-535.
- Eco, U. (2020). *Migração e intolerância*. Rio de Janeiro: Record.
- Espinoza, A. M. G., & Cardoso, M. R. (2013). A perversa recusa da 'diferença' no racismo: uma questão de fronteiras? *Cadernos de Psicanálise*, 29, 43-59.
- Fabri, M. (2013). Entre Hospes e Hostis: hospitalidade como resposta ao estrangeiro. *Traumazein*, 12, 104-116.
- Fanon, F. (1952/2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA.

- Favero, A. B., & Rudge, A. M. (2009). Trauma e desmentido. *Psychologica*, 169-180.
- Ferenczi, S. (1923/2011). O sonho do bebê sábio. Em S. Ferenczi, *Psicanálise III* (pp. 223-224). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1927/2011). A adaptação da família à criança. Em S. Ferenczi, *Psicanálise IV* (pp. 1-14). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1928/2011). Elasticidade da técnica psicanalítica. Em S. Ferenczi, *Psicanálise IV* (pp. 25-36). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1929/2011). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. Em S. Ferenczi, *Psicanálise IV* (pp. 55-60). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1930/2011). Traumatismo e aspiração à cura. Em S. Ferenczi, *Psicanálise IV* (pp. 282-283). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1931a/2011). Análise de crianças com adultos. Em S. Ferenczi, *Psicanálise IV* (pp. 69-84). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1931b/2011). O nascimento do intelecto. Em S. Ferenczi, *Psicanálise IV* (pp. 288-290). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1932/2011). Confusão de línguas entre os adultos e a criança. Em S. Ferenczi, *Psicanálise IV* (pp. 97-108). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1934/2011). Reflexões sobre o trauma. Em S. Ferenczi, *Psicanálise IV* (pp. 125-135). São Paulo: Martins Fontes.
- Fernandes, D., & Faria, A. V. (2017). O visto humanitário como resposta ao pedido de refúgio dos haitianos. *R. Bras. Est. Pop.*, 34(1), 145-161.
- Freud, S. (1900/2001). *A interpretação dos sonhos*. (W. I. Oliveira, Trad.) Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Freud, S. (1913/2013). *Totem e tabu: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos* (1 ed.). (P. C. Souza, Trad.) São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras.
- Freud, S. (1914/2010). Introdução ao Narcisismo. Em S. Freud, *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (P. C. Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1920/2010). Além do princípio do prazer. Em S. Freud, *História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos"): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)* (pp. 161-239). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1921/2011). Psicologia das massas e análise do eu. Em S. Freud, *Psicologia das*

- massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)* (P. C. Souza, Trad., pp. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1925/2006). Um estudo autobiográfico. Em S. Freud, *Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos (1925-1926)*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1930/2010). O mal-estar na civilização. Em S. Freud, *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)* (P. C. Souza, Trad., pp. 13-122). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1933/2010). Novas conferências introdutórias à psicanálise. Em S. Freud, *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)* (P. C. Souza, Trad., pp. 73-155). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1985/1996). Projeto para uma psicologia científica. Em S. Freud, *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1986/1897). A teoria transformada. Em J. M. Masson, *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago.
- Fuks, B. B., & Rudge, A. M. (2018). Em torno da complexa articulação sujeito e cultura. *Psicologia USP*, 29(1), 1-9.
- Gebrim, A. C. (2018). *Psicanálise no front: a posição do analista e as marcas do trauma na clínica com migrantes*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6 ed.). São Paulo: Atlas.
- Gondar, J. (2012). Ferenczi como pensador político. *Cad. psicanal. [online]*, 34(27), 193-210.
- Gondar, J. (2016). Terror, terrorismo e reconhecimento. *Cad. Psicanál. (CPRJ)*, Rio de Janeiro, 38(35), 129-141.
- Gondar, J. (2020). Abertura ao II Encontro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi: “Ferenczi: a clínica nos confins”. Em D. Kupermann, J. Gondar, & E. C. Dal Molin (Orgs.), *Ferenczi: Inquietações clínico-políticas*. São Paulo: Zagodoni.
- Grigorieff, A. G., & Macedo, M. M. K. (2018). Singulares deslocamentos na experiência psíquica de migrar. *Psicologia Clínica*, 30(3), 471-492.
- Haraway, D. (2016). *Staying with the trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University.
- Handerson, J. (2015). *Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional.
- Handerson, J., & Joseph, R. M. (2015). *As relações de gênero, de classe e de raça: mulheres*

- migrantes haitianas na França e no Brasil. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, 9(2), 1-30.
- Hurston, Z. N. (1990). *Tell my horse: voodoo and life in Haiti and Jamaica*. HarperCollins.
- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora (Rio J.)*, 6(1), 115-138.
- Issitt, M., & Main, C. (2014). *Hidden religion: the greatest mysteries and symbols of the world's religious beliefs*. California: ABC-CLIO.
- Kegler, P., & Macedo, M. M. K. (2016). Narrativas do excesso: a potencialidade da palavra em psicanálise. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, 48(1), 171-190.
- Kehl, M., & Fortes, M. I. (2019). De uma clínica do refúgio: violência, trauma e escrita. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, 22(3), 520-539.
- Kelley, R. D. (2015). Foreword. Em G. A. Ulysse, *Why Haiti needs new narratives: a post-quake chronicle* (pp. 13-16). Connecticut: Wesleyan University Press.
- Koffi-Tessio, M. H. (2005). Haïti et sa diaspora ou le pays en dehors. *Présence Francophone: Revue internationale de langue et de littérature*, 64(1), Article 6.
- Kupermann, D., & Dean-Gomes, G. (2021). Sándor Ferenczi e os princípios para uma ética do cuidado nas práticas educativas. *Interações*, 28-49.
- Kupermann, D. (2017). *Estilos do cuidado: a psicanálise e o traumático*. São Paulo: Zagodoni.
- Kupermann, D. (2019). Sándor Ferenczi e a criança nos adultos. *Estilos clin.*, 24(2), São Paulo, 178-181.
- Kupermann, D. (2020). Abertura ao I Encontro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi: “soltar as línguas na psicanálise” Abertura ao I Encontro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi: “soltar as línguas na psicanálise”. Em D. Kupermann, J. Gondar, & E. C. Dal Molin (Orgs.), *Ferenczi: Inquietações clínico-políticas*. São Paulo: Zagodoni.
- Lacan, J. (1981). *Le séminaire, livre III: les psychoses*. Paris: Seuil.
- Lajonquière, L. D. (2000). Psicanálise, modernidade e fraternidade: notas introdutórias. Em M. R. Kehl (Org.), *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Lo Bianco, A. C. (2003). Sobre as bases dos procedimentos investigativos em psicanálise. *Psico-USF*, 8(2), 115-123. Acesso em 20 de Julho de 2021, disponível em <https://www.scielo.br/j/pusf/a/tymM3zrH3ymjQfb9mnHbxHn/?format=pdf&lang=pt>
- Lôbo, J. A. (2017). *Racismo e patriarcado como sistema internacional: uma análise antropológica das relações Brasil-Haiti*. Trabalho de Conclusão de Curso, História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino-Americano de

Arte, Cultura e História.

- Louidor, W. E. (2013). Uma história paradoxal. Em A. Santiago (Org.), *Haiti por si: a reconquista da independência roubada*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora.
- Macé, M. (2017/2018). *Siderar, considerar: migrantes, formas de vida*. (M. J. Moraes, Trad.) Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- Macedo, M. M. K., Felin, M. M., Rosa, R. R., & Dias, W. N. (2021). Movimientos migratorios contemporáneos: desvelando las desigualdades y la violencia en el vínculo social. Em Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados. *XIII Congreso Anual. XXXIII Symposium: cartografías del sufrimiento psíquico: avatares de época* (pp. 150-156). Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados.
- Macedo, M. M. K. (2022). A (in)visibilidade do outro: reflexões sobre refúgio e migração. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 42, 1-15.
- Maldonado, G., & Cardoso, M. R. (2009). O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias. *Psic. Clin.*, 21(1), 45-57.
- Marques, Â. C., & Terrier, D. (2017). Imigração de mulheres haitianas em Belo Horizonte/Brasil: identidades femininas, relatos de si e autonomia. *Panorama*, 3-9.
- Martins, I. M. M. (2020). Agiotas da mobilidade e migração haitiana: um debate sobre agenciadores em processos migratórios no/ao Brasil e políticas estatais de fronteira. *Travessia: Revista do Migrante*, 88(XXXIII), 75-86.
- Mello, R., Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2015). A maturação como defesa: uma reflexão psicanalítica à luz da obra de Ferenczi e Winnicott. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, 18(2), 268-279.
- Mello, R., Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2019). Trauma, clivagem e progressão intelectual: um estudo sobre o bebê sábio ferencziano. *Psicologia em Estudo [online]*, 2019, 24, 1-12.
- Melman, C. (1985). *Novos estudos sobre a histeria*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Melman, C. (1992). *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. (R. Pereira, Trad.) São Paulo: Escuta.
- Milner, J. C. (1978/2012). *O amor da língua*. Campinas: Editora Unicamp.
- Monacé, J. K. (2021). *Diaspora haitianos no Brasil, voye kòb e famílias no Haiti: vínculos sociais, múltiplas estratégias de reprodução e dyasporização*. Tese de Doutorado. Palmas.

- Montinard-Léger, M. V. (2019). *Pran wout la: dynamiques de la mobilité et des réseaux haïtiens*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, Museu Nacional.
- Moreira, J. D. (2004). Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. *Psicologia em Estudo*, 9(2), 219-227.
- Nogueira, I. (1998). *Significações do corpo negro*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Nüske, A. G., & Macedo, M. M. (2019). Migração haitiana: o sujeito frente ao (re)encontro com o excesso. *Psicologia USP*, 30, 1-11.
- Organização Internacional para as Migrações. OIM. (2009). *Glossário sobre migração*. Genebra: Organização Internacional para as Migrações.
- Osmo, A., & Kupermann, D. (2012). Confusão de línguas, trauma e hospitalidade em Sándor Ferenczi. *Psicologia em Estudo*, 17(2), 329-339.
- Pacheco Filho, R. A. (2012). Interpretação em psicanálise e em ciência: contrapontos. *Stylus (Rio J.)*, 25, 107-120. Acesso em 20 de Julho de 2021, disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2012000200011.
- Pestre, É., & Benslama, F. (2011). Traduction et traumatisme. *Recherches en psychanalyse*, 11(1), 18-28.
- Pimentel-Cotinguiba, M. L., Cotinguiba, G. C., & Ribeiro, A. A. S. (2016). O crioulo haitiano e o seu reconhecimento político. *Universitas Relações Internacionais*, Brasília, 14(1), 31-40.
- Platoff, A. M. (2015). *Drapo Vodou: sacred standards of Haitian Vodou*. *Revue Trimestrielle de Recherche en Vexillologie*, 7(3-4), 1-23.
- Poli, M. C. (2008). Escrevendo a psicanálise em uma prática de pesquisa. *Estilos da Clínica*, 13(25), 154-179.
- Pussetti, C. (2017). "O silêncio dos inocentes": os paradoxos do assistencialismo e os mártires do Mediterrâneo. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 21(61), 263-272.
- Reino, L. M. G., & Endo, P. C. (2011). Três versões do narcisismo das pequenas diferenças em Freud. *Trivium*, 3(2), Rio de Janeiro, 16-27.
- République d'Haïti. (2010). *Plan d'action pour le relèvement et le développement d'Haïti*. Port-au-Prince: Haiti.
- Robert, P. F. P., & Kupermann, D. (2015). Suportar o ódio, suportar o próprio ódio: os casos R.N., S.I. e os limites na clínica de Ferenczi. *Cad. Psicanál.-CPRJ*, Rio de Janeiro, v.

37, n. 33, 175-193.

- Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Rev. Mal-estar e Subjetividade*, IV(2).
- Sampaio, C. R. (2016). O haitianismo no Brasil e o medo de uma onda revolucionária. *Anais do Colóquio de História da UNICAP*, 77-97.
- Sayad, A. (1998). O que é um imigrante? Em A. Sayad, *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Scaramal, E. d. (2006). *Haiti: a fenomenologia de uma barbárie*. Goiânia: Cênone Editorial.
- Seyferth, G. (2002). Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *Revista USP*, 53, 117-149.
- Simas, L. A. (2019). *O corpo encantado nas ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Souza, N. S. (1983). *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Souza, N. S. (1998). O estrangeiro: nossa condição. Em C. Koltai (Org.). *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta.
- Szyborska, W. (2016). *Um amor feliz*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Thomaz, O. R. (2011). Eles são assim: racismo e o terremoto de 12 de janeiro de 2010 no Haiti. *Cadernos de campo* (20), 273-284.
- Torossian, S. D. (2019). A escuta psicanalítica em contextos de crueldade. *Clínica & Cultura*, 8(2), 21-33.
- Turato, E. R. (2010). *Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórica-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Vitarello, D. M., & Kupermann, D. (2016). De tabu a Filotetes: Ferenczi e o movimento psicanalítico. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 68(3), 17-31. Recuperado em 13 de fevereiro de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672016000300003&lng=pt&tlng=pt.

ANEXOS

ANEXO A – Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos

Data: _____/_____/_____

Dados de Identificação:

Profissão: _____

Sexo: _____

Data de Nascimento: _____

Nacionalidade: _____

Cidade de origem: _____

Data da Chegada ao Brasil: _____

Países, Estados e Cidades por onde passou: _____

País de destino: _____

Estado Civil:

() Solteiro (a) () Casado (a)

() Viúvo (a) () União Estável

() Divorciado (a)

Dados Familiares

Com quem você mora?

() Sozinho () Pai () Mãe

() Irmãos /Quantos? _____

() Companheiro (a) /Quanto tempo? _____

() Filhos (as) / Quantos? _____ Idades: _____

() Outros _____

Familiares próximos (marido/esposa, filhos(as), irmãos, pais)

Vieram junto? () Sim () Não

Quem? _____ Permanecem? _____ Trabalham? _____

Permaneceram? () Sim () Não

Quem? _____ Onde? _____

Dados de Saúde

Tem atividades de lazer? () Sim () Não

Quais: _____

Você fez/faz tratamento psicológico/psiquiátrico? () Sim () Não

Há quanto tempo? _____

Motivo: _____

Faz uso de medicação psiquiátrica? () Sim () Não

Qual: _____

Há quanto tempo? _____

Fez uso de medicação psiquiátrica? () Sim () Não

Por quanto tempo? _____

Dados Profissionais:

Escolaridade: () Ensino Médio Incompleto

() Ensino Médio Completo

() Ensino Superior Incompleto

() Ensino Superior Completo

() Pós-Graduação

Trabalhos que já realizou: _____

Períodos de realização dos trabalhos: _____

Profissão: _____

Trabalha atualmente? ()Sim ()Não Período: _____

Carga horária de trabalho semanal total: _____

Atividades desempenhadas pelo profissional: _____

ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

As migrações constituem-se em um fenômeno mundialmente relevante e que traz em seu bojo desdobramentos em nível social, econômico, jurídico e psicológico, exigindo a reflexão dos mais diversos setores sociais. Estamos convidando-o(a) para participar da pesquisa intitulada “**(Con) fusão de línguas: a escuta psicanalítica de impasses entre hospitalidade e hostilidade**”. Esse projeto insere-se no Grupo de Pesquisa *Psicanálise: psiquismo, subjetividade e pesquisa*, coordenado pela Profa. Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo, pertencente à Linha de Pesquisa *Psicanálise e Cultura* do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Está, além disso, vinculado ao Projeto Maior, coordenado pela professora pesquisadora, intitulado *Movimentos Migratórios: complexidades e demandas à investigação em Psicanálise*.

Tal estudo prevê a participação de migrantes que vieram para o Brasil. Para tanto, será realizada uma entrevista a ser gravada em áudio e, posteriormente, transcrita. Os achados obtidos nesta pesquisa serão utilizados para fins de publicações científicas, mas fica assegurada a preservação do sigilo quanto à identificação dos participantes. A participação nesse estudo é voluntária, e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo. Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo (a). O maior desconforto que você poderá experimentar relaciona-se ao fato de abordar situações que podem ter sido difíceis, podendo vir a lhe provocar alguma mobilização afetiva. Caso haja necessidade, está assegurada sua possibilidade de encaminhamento para atendimento psicológico. O benefício desta entrevista será a contribuição que dará para o desenvolvimento de um estudo científico e, também, poderá ser uma oportunidade para expressar suas percepções acerca de suas vivências pessoais. Você poderá,

em qualquer momento, solicitar novas informações e modificar sua decisão de participação, se assim o desejar.

Quaisquer dúvidas relativas a esta pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo, fone (51)3308-5066. Os dados decorrentes da pesquisa serão armazenados na sala 141 do Instituto de Psicologia, Rua Ramiro Barcelos, 2600, pelo período de cinco anos. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), localizado na Rua Ramiro Barcelos, 2600, Porto Alegre /RS, Brasil, CEP: 90035-003, Fone/Fax: (51) 3308.5698. E-mail: cep-psico@ufrgs.br Horário de atendimento: de segunda à sexta-feira, das 17h às 20horas (atendimento presencial) e de segunda à sexta-feira das 13h às 20horas (atendimento por e-mail e telefone).

Declaro que recebi uma via, de igual forma e teor, do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Assinatura do participante

Data

Pesquisador responsável

Data

ANEXO C – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

UFRGS - INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Movimentos Migratórios: demandas à investigação em Psicanálise

Pesquisador: Mônica Medeiros Kother Macedo

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 01929018.3.0000.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.202.517

Apresentação do Projeto:

No cenário dos fluxos migratórios internacionais, recentemente, o Brasil passou, novamente, a ocupar lugar de relevância. Ainda que não seja o país com a maior quantidade de imigrações de haitianos, o Brasil tem sido escolhido como destino por um significativo número deles, que têm buscado nesse país uma nova oportunidade de recomeçar suas vidas, duramente devastadas por sucessivas crises políticas, sociais e ambientais. Busca-se, assim, fomentar a reflexão sobre aspectos subjetivos intervenientes nestes complexos deslocamentos de pessoas, os quais inerentemente aludem à presença de um sujeito psíquico que deixa muito para trás, movido pela expectativa de uma vida melhor. Participarão da pesquisa, no mínimo, 15 haitianos que vieram para o Brasil após o terremoto ocorrido no Haiti em 2010. Tais participantes serão, preferencialmente, localizados no Rio Grande do Sul, independente do sexo e da idade e com permanência no Brasil de no mínimo seis meses. Ainda que a migração seja considerada um movimento coletivo, as pesquisadoras pretendem dar destaque à singularidade do sujeito migrante, por meio de suas narrativas sobre essa experiência. A Psicanálise sustentará a proposta metodológica de trabalho com os dados uma vez que se apresenta como consistente aporte metodológico e teórico para uma compreensão aprofundada desse fenômeno, possibilitando que não se negligencie a complexidade dos elementos eminentemente humanos que estão para além de acordos e convenções sociais e

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2500
Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5606 Fax: (51)3308-5606 E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 3.202.517

Jurídicas.

A experiência migratória pode exigir grandes esforços por parte do migrante, tanto no sentido do estabelecimento de novos laços sociais como para ter sua subjetividade reconhecida. Para além da atribuição de um documento identitário ou de um visto humanitário, é necessário efetuar uma reflexão sobre a condição subjetiva do migrante, reconhecendo-o nas suas especificidades e diferenças. Será realizada, no mínimo, uma entrevista com cada um dos participantes, a qual será gravada em áudio e, posteriormente, transcrita. A riqueza do método investigativo inaugurado por Freud

oportuniza à Psicanálise estender-se a searas em que a escuta do singular remonta à clínica, mas não se limita ao seu setting tradicional. A Psicanálise, por meio de seu potencial reflexivo orientado à escuta da subjetividade e ao reconhecimento da implicação dos laços sociais na vida do sujeito, apresenta-se como ferramenta imprescindível para adentrar a complexidade do fenômeno migratório.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Geral

- Explorar complexidades e demandas psíquicas relativas às vivências do sujeito migrante.

Objetivos Específicos:

- Identificar modalidades narrativas produzidas pelo sujeito migrante sobre sua vivência;
- Investigar os processos de desinvestimentos e investimentos psíquicos inerentes à vivência migratória;
- Explorar os recursos psíquicos associados ao enfrentamento de demandas identitárias decorrentes da vivência migratória;
- Compreender como o fenômeno migratório incide sobre as subjetividades e na formação da identidade migrante;
- Explorar aspectos culturais relativos às formas de laço social entre o migrante e a comunidade de inserção;
- Aprimorar recursos metodológicos da prática investigativa em Psicanálise;
- Produzir aportes metapsicológicos acerca da vivência migratória;
- Fomentar a capacitação e a expertise no âmbito da investigação e do estudo sobre a complexidade do fenômeno migratório.

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5628 Fax: (51)3308-5628 E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 3.200.517

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O estudo poderá vir a mobilizar o entrevistado no que se refere a aspectos emocionais. Para tal, está prevista a possibilidade de encaminhamento do entrevistado ao Serviço de Psicologia a qual o estudo se vincula.

Benefícios:

O benefício desta entrevista será a contribuição que resultará para o desenvolvimento de um estudo científico sobre o fenômeno migratório, também, poderá ser uma oportunidade do participante para expressar suas percepções acerca de suas vivências pessoais. Percebe-se, portanto, a importância de reconhecer a necessidade de acolhimento e consideração aos aspectos psíquicos como condição para fomentar um devir e uma perspectiva de transformação, que teve seu início na decisão pelo deslocamento do sujeito para outro território. Toma-se necessário identificar as perdas intrínsecas a um processo de desenraizamento na medida em que o sujeito deixa um país de origem e busca outra cultura para viver, bem como reconhecer a diversidade de motivos que estão contemplados nesse movimento e que terão inegáveis efeitos no tempo a ser vivido na condição de migrante.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Os pesquisadores ressaltam que este Projeto de Pesquisa conta com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS – Parecer Consubstanciado, nº 1.743.178 (anexado na Plataforma Brasil). O projeto encontra-se, neste momento, em processo de vinculação ao Instituto de Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, instituição a qual a pesquisadora atualmente está vinculada.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresenta todas as informações necessárias, sendo redigido em linguagem clara.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Análise das pendências emitidas por este CEP:

Pendência 1: No Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, devem ser substituídos os dados (endereço, contato) da pesquisadora e do Comitê de Ética da PUCRS pelos do Instituto de Psicologia

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefones: (51)3308-9698 Fax: (51)3308-9698 E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 3.003.517

da UFRGS.

Também deve incluir tempo mínimo (5 anos) e local de armazenamentos dos dados da pesquisa.

Análise da Pendência 1: As alterações foram realizadas conforme solicitado.

Pendência 2: O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deve substituir a informação sobre o serviço que acolherá os participantes, caso necessário.

Análise da Pendência 2: A alteração foi realizada.

Pendência 3: Caso um serviço específico seja identificado (por exemplo, a Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS), é preciso incluir termo de anuência da direção do serviço.

Análise da Pendência 3: Foi anexada carta de anuência assinada pela Direção da Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS.

O projeto está aprovado por este CEP.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	FB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1233388.pdf	10/01/2019 14:39:24		Aceito
Outros	TermoCiencia.jpg	10/01/2019 13:13:08	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	novotcle.pdf	10/01/2019 13:12:43	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	05/10/2018 18:05:19	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
Parecer Anterior	CEPPUCRS.docx	04/10/2018 21:10:40	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	04/10/2018 21:05:38	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	04/10/2018 20:57:19	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
Outros	ufrgs.pdf	04/10/2018 20:50:24	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS Município: PORTO ALEGRE

Telefonic: (51)3308-5626

Fax: (51)3308-5626

E-mail: cep-psico@ufrgs.br

UFRGS - INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO



Continuação do Parecer: 3.202.517

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 15 de Março de 2019

Assinado por:
Milena da Rosa Silva
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília CEP: 91.035-003
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 Fax: (51)3308-5698 E-mail: cnp-psico@ufrgs.br

